

## APRESENTAÇÃO

ITALO MORICONI

Erotismo: tema inesgotável. Erótica é a raiz da vida. O século XX fez do erotismo fundamento da felicidade humana, com a psicanálise e a sociedade de consumo. Desde fins do século XVIII, como mostrou Foucault em *Vigiar e Punir* e *A Vontade de Saber*, saberes, tecnologias e disciplinas por um lado limitam, por outro possibilitam as manifestações de afeto, os movimentos de aproximação, os sistemas de troca, inclusão, exclusão, de reconhecimento, os choques entre corpos. Estamos prontos para a eterna juventude, para reeditar o imaginário orgasmo extático do passado, soprado de um éden arcaico.

O prazer. É sempre no futuro aquele orgasmo, aquela orgia. O erótico, como diria Barthes, fica na fímbria da lacuna, no detalhe de pele que se entrevê, é promessa de paraíso, e haverá de conter um quê de perverso.

Nas últimas décadas, a abordagem crítico-estética do erotismo politizou-se. O canto livre de anarquistas, heréticos e bruxos e bruxas da tradição européia, que atravessara os séculos minoritário e renitente, explodiu nos anos 60 do século XX como utopia coletivista e contracultural, sob a égide do LSD, do haxixe e de Marcuse. O texto de Luísa Chaves de Melo faz uma leitura do romance que elabora esse momento e esse tema numa de suas mais fortes concretizações literárias em língua brasileira: *Quarup*, a obra máxima de um autor sempre muito erotizado e erotizante, Antonio Callado. Em *Quarup* o fato histórico da emancipação sexual da mulher é mostrado em seu rebatimento masculino, dado como emancipação humana.

O binômio contracultural e marcusiano da repressão versus liberação configura uma política abrangente. Por um lado, ela expressa um imperativo sexual que pode estar alimentando fantasias totalitárias e pode ser pensado em utopias ao avesso como *1984* de George Orwell ou obras como a de Margaret Atwood, aqui analisada com argúcia por Alexander Meireles da Silva. Não foi à toa que o próprio Foucault, anteriormente

citado, lançou o grito de alerta – “não ao sexo-rei”, como forma de desnaturalizar as lógicas supererotizadas do século.

Já no poema de Vinícius de Moraes e na narrativa de Hilda Hilst aqui analisadas, respectivamente, por Ricardo Barreto e Joelma Rodrigues, volta a dimensão cósmica, no primeiro caso, e a dimensão trágica, no segundo. Das “plantas carnívoras / de bocas enormes” que metaforizam a voracidade do desejo em Vinícius podemos ver emergir o beijo redentor e traidor que com força une os lábios masculinos na vertente homo de eros, sangrando o anterior consenso da sexpol utópica e totalista.